

FLUXOS DO SAGRADO EM PELOTAS

KALI BREDER E SOUZA¹; MATEUS FERNANDES DA SILVA²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – kaliubreder@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – mateusfernandsdasilva@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é referente a um módulo desenvolvido a partir de cartografias, no âmbito do projeto de extensão *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*, que faz parte do projeto de pesquisa *Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, organizado pelo *Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos da Universidade Federal de Pelotas*.

O projeto *Terra de Santo* iniciou em 2017, a partir de demandas de líderes religiosos, que tinham o objetivo de patrimonializar seu Ilê. O projeto foi se expandido para atender outras demandas das lideranças de religiões de matrizes africanas, mas sempre pautando o contato com interlocutores e interlocutoras, de forma a valorizar elementos considerados por eles/as importantes.

No ano de 2020, o grupo elaborou a exposição digital *Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*, apresentando narrativas de diferentes grupos que habitam a cidade de Pelotas/RS, valorizando patrimônios não-oficiais. O módulo referente ao *Terra de Santo* é o *Além da Materialidade*, que abordou conteúdos do mapeamento e, também, problemáticas com relação ao contexto de pandemia. Este foi formado por três abas diferentes.

Trazendo diversos tipos de manifestações artísticas para a exposição, de forma a representar essas religiões, a aba *Entre as Artes* foi se constituindo por playlist, colagens, conteúdos audiovisuais, entre outras grafias. A aba *Sobre o Sagrado*, traz relatos relacionados ao contexto de pandemia, narrativas da própria comunidade explicando a forma na qual tem entrado em contato com o seu sagrado. E a última, composta por cartografias, foco deste resumo, fez parte da aba *Pelos Trajetos*.

2. METODOLOGIA

A cartografia foi elaborada a partir de diálogos com interlocutores/as por meio de um formulário, elaborado pelo grupo no ano de 2019, com objetivo de efetuar um mapeamento dinâmico, baseado em outros realizados, como os do Rio de Janeiro e Salvador. O grupo iniciou tal mapeamento para atender uma sugestão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O formulário foi divulgado por meio de grupos de WhatsApp, Facebook e outras redes sociais voltados para religiosos/as de matrizes africanas. Continha perguntas objetivas como: nome, nome do responsável da/o terreira/o, nome da/o terreira/o, o que se cultua, onde essas pessoas entravam em contato com o seu sagrado, quais partes da cidade consideravam sagradas e o bairro onde localizam-se seus Ilês, não especificando os endereços na cartografia, como forma de preservar a segurança das casas, tendo em vista a perseguição que as religiões de matrizes africanas sofrem constantemente. Embora o mapeamento ainda esteja em andamento, o grupo considerou que já possuímos dados interessantes para apresentarmos na exposição.

Em uma das nossas reuniões semanais, montamos uma comissão para elaborar essas cartografias, a partir dos formulários preenchidos. Dentro da reunião da comissão, criamos os mapas através do Google Maps e decidimos utilizar a delimitação municipal das sete regiões administrativas (Centro, Fragata, Areal, Três Vendas, Balneário, São Gonçalo e Laranjal) para facilitar o entendimento. Cada região administrativa recebeu uma cor no mapa, sinalizando os trajetos e ligando os seus Ilês a outros lugares da cidade que eram considerados sagrados, como praias, matas, Mercado Público e cemitério, tornando o mapa mais atrativo e organizado. Cada um desses lugares recebeu um ícone figurativo. Quanto mais regiões administrativas eram selecionadas, mais colorida, preenchida e movimentada visualizávamos a cidade.

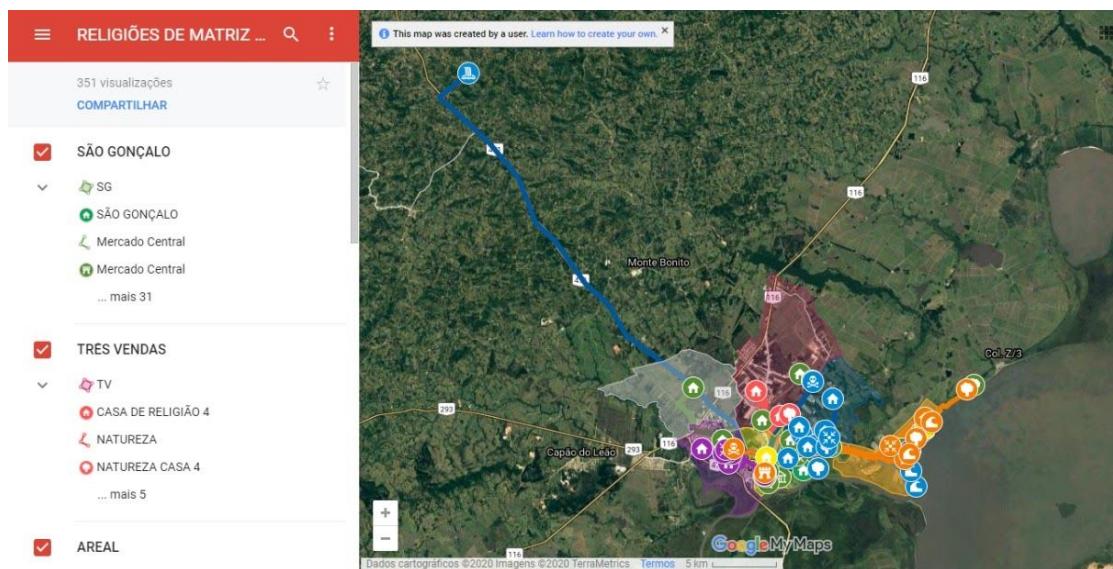


Imagen 1 - Cartografia com todas as regiões administrativas selecionadas para visualização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto preenchemos os mapas com os trajetos, cruzando a cidade e enchendo de cores a cartografia, vimos o quanto as religiões de matriz africana fazem parte do contexto histórico e cultural de Pelotas.

Martha Rodrigues, uma das co-produtoras da cartografia e participante do projeto, considerou muito importante a inclusão dessa aba no módulo, para pensarmos o mapeamento dos terreiros de Matrizes Africanas em Pelotas e para visualizarmos essas movimentações dos religiosos na cidade. Segundo Martha, a exposição foi importante também para que as pessoas que visitaram a exposição pudessem ver Pelotas enquanto um território sagrado, além de fugir um pouco dos mapas estáticos, trazendo movimento e fluxo, além de conseguirmos relacioná-lo com conceitos que trabalhamos dentro dos projetos, de uma cidade em movimento. Para ela o mapa colorido é a representação do caminhar e das formas de ocupar a cidade.

De fato, como nos aponta Ingold (2005, pg 96), quando os mapas deixam de ser vistos como subprodutos de narração de histórias e passam a ser produtos finais de projetos de representação espacial, eliminam os movimentos das pessoas com relação aos lugares (descobrir-caminho), e também excluem os movimentos em gestos de inscrição (mapear).

Marceli Santos, que é graduanda de geografia e que também participou da elaboração da cartografia, nos conta que dentro de sua graduação geralmente são ensinados a fazer a cartografia técnica com todas suas normas e estilos, e

essas nem sempre são representativas. Segundo o que nos relata, muitas vezes acontece o esvaziamento de significados, justamente por conta de todo processo técnico e de imparcialidade. Contudo isso não quer dizer que ela acredite em uma imparcialidade da cartografia. Para ela, quando pensamos as etapas do processo, a relação dessas pessoas e desses terreiros com o espaço urbano e com os patrimônios, fazemos uma aproximação da técnica com a realidade. Marceli diz que conseguimos não só criar trajetos, mas fizemos algo representativo de um município inteiro e que nem sempre é comentado e que, ao trazermos uma cartografia não convencional, sem aqueles moldes padronizados, todos os critérios para se fazer um mapa, fazendo de uma forma bem mais simplificada e que demonstra o cotidiano de várias religiões que vivem uma vulnerabilidade, fazemos uma cartografia política. E complementa:

“Quando aprendemos em cartografia técnica o uso das cores para personificar o mapa, ainda temos certos padrões a se seguir, mas quando fizemos essa cartografia com uma pluralidade de cores diferentes e vivas estamos mostrando para quem tem experiência com cartografia convencional tanto para as outras pessoas que aquele fluxo são muitas vidas. E juntas ambas as coisas pode possibilitar um diálogo muito bacana sobre o que a gente conhece de produção técnica e acadêmica com o social não acadêmico.”

Assim sendo, não devemos nos referir a método como proposições e protocolos de pesquisa, mas como estratégia de análise crítica e ação política, descrevendo relações, trajetórias, formações rizomáticas, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência, desenhando não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder, linhas de força, confrontamentos, densidades, intensidades (FILHO E TETI, 2013, p. 47).

Mateus Fernandes, também co-produtor e co-autor deste trabalho, considerou a experiência muito interessante pois conseguimos representar esses fluxos e toda essa movimentação que não aparecem nos mapas que frequentemente vemos. De fato, em Pelotas, trata-se de uma história que valoriza como temporalidade a época das charqueadas, algo que se atualiza no presente, por intermédio do tombamento dos casarões do centro histórico da cidade, que privilegia uma determinada história, classe social, gênero e etnia (ALFONSO E RIETH, 2016, p. 134). Mateus conclui que a partir da perspectiva dessas religiões sobre o mapa vemos que a cidade é plural, diversa e majoritariamente preta.

Muitos foram os comentários de quem participou da exposição, que ao total contou com mais de seis mil visitas de diversas partes do mundo. O retorno por parte de visitantes foi cheio de sentimentos de alegria, enaltecimento e representatividade. Entraram em contato com a nossa equipe de formas diversas, como um dos comentários em uma postagem do Facebook, feito por um dos visitantes: “Que trabalho maravilhoso! Um texto bom de ler, conteúdos super bem trabalhados e o mais importante: representatividade! Me senti tão contemplado em ver uma exposição assim pelo olhar de nós, que não fazemos parte da dita ‘elite pelotense’! Lindo demais!”. Esses feedbacks foram importantes para a equipe, pois nos fizeram sentir mais próximos da comunidade e nos com a sensação de missão cumprida.

4. CONCLUSÕES

Abordar esse tema em uma exposição sobre os patrimônios invisibilizados de Pelotas é muito importante, principalmente ao percebermos a resistência dos

grupos e de seus patrimônios, os movimentos e os diferentes modos de ocupar e fazer cidade, bem como a pluralidade de formas de cultuar o sagrado. Segundo Agier (2015) a margem é uma posição política e epistemológica, que pode ser entendida como os modos de habitar que não seguem um determinado modelo de cidade – modelo este que é imposto pelo poder às pessoas que nela vivem.

Enquanto estudantes de ciências sociais e culturais, achamos muito significativa a experiência de transpor narrativas para a elaboração de uma exposição. Colocar em prática as teorias acadêmicas e aprender novas teorias e práticas em contato com uma comunidade diversificada de interlocuções foi de longe uma experiência definitiva para nossa formação.

A pandemia do coronavírus foi algo que dificultou nossas ações extensionistas, mas conseguimos nos adaptar a partir de nossos encontros virtuais e manter contato com nossos interlocutores.

A proporção que esse trabalho alcançou e o quanto ele afetou os visitantes e grupos com os quais trabalhamos, nos fazem pensar na importância da extensão universitária. Outro ponto importante dessa experiência é a possibilidade que esse formato digital nos oferece de acessar a exposição em diferentes lugares.

Ao produzirmos uma exposição sobre diversos grupos que não tem receptividade dentro de espaços públicos, dando evidência para suas narrativas e vivências que muitas vezes passam despercebidas, ampliamos o entendimento da ciência e de suas importâncias, não só para o grupo mas para as comunidades que foram interlocutoras desse projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. **Do direito à cidade ao fazer-cidade.** O antropólogo, a margem e o centro. Mana, 21(3), 2015, 483-498.

ALFONSO, L.; RIETH, F. **Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural.** In: **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios.** SCHIAVON, Carmem; PELEGRIINI, Sandra (org.). Editora da FURG, Rio Grande – RS, 2016.

FILHO, K.; TETI, M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais.** Barbaró, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

INGOLD, T. **Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 25(1): 76-110, 2005.

Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processo de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas. **Exposição Digital Patrimônios invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas.** Site Institucional: UFPEL, Pelotas, Ago 2020. Página inicial. Acesso em: 30 Set 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>.